

O indestrutível e inescrutável Luiz Inácio Lula da Silva

The Indestructible and Inscrutable Luiz Inácio Lula da Silva

John D. French*

“O EX-PRESIDENTE Luiz Inácio Lula da Silva é indestrutível”, observou o saudoso Wanderley Guilherme dos Santos, em agosto de 2017, após o golpe parlamentar contra a presidente Dilma Rousseff. “Ele ascendeu àquela região em que a pessoa física continua vulnerável, mas o poder mobilizador permanece inalterado.” No entanto, os comentários do cientista político de 82 anos também citam um certo desconforto causado pelo fenômeno Lula entre os letrados de todas as perspectivas políticas. “A direita e a esquerda, de nariz torcido, evitam reconhecer”, escreveu ele, “que a indestrutibilidade de Lula não é propaganda partidária, mas fenômeno sociológico.”¹ Um colaborador petista, durante a década de 1980, expressou uma percepção similar em 2014, quando falou da notável capacidade de Lula como “repentista político”, de “criar um discurso desconcertante”.² Uma analogia instrutiva, embora literária, foi sugerida por um jornalista perspicaz que descreveu Lula, em 2009, como “uma espécie de Sancho Panza da política”. É um homem do povo que simula uma simplicidade muito maior do que a que realmente possui. “Prudente, esperto e lúcido”, assim como Panza, Lula se destacava por sua aguda “ligação com a realidade”, que o ancorava,

* Professor titular de História e Estudos Africanos e Afro-Americanos em Duke University, John D. French recebeu o seu doutorado em História pela Yale University (1985) com orientação da historiadora brasileira exilada Dra. Emília Viotti da Costa. Desde 1979, produziu mais de 50 artigos sobre a classe trabalhadora, populismo e política eleitoral no Brasil e na América Latina. Os seus livros incluem *O ABC dos Operários: lutas e alianças de classe em São Paulo, 1900-1950* (1995), *Drowning in Laws: Labor Law and Brazilian Political Culture* (2004), e o volume coeditado *The Gendered Worlds of Latin American Women Workers: From Household and Factory to the Union Hall and Ballot Box* (1997). Seu livro sobre Lula ganhou o Prêmio Warren Dean Memorial Prize da Conferência de História Latino-Americana e o Prêmio Sérgio Buarque de Holanda pela Secção do Brasil da Latin American Studies Association, e saiu em português em setembro 2022 pela Editora Expressão Popular e a Fundação Perseu Abramo. E-mail: jdfrench@duke.edu. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5797-1305>.

1 SANTOS, Wanderley Guilherme dos. O fedor da força bruta. No blog **Segunda Opinião**, 21 ago. 2017. Republicado em: <https://www.ocafezinho.com/2017/08/21/wanderley-ascensao-de-lula-e-o-recrudescimento-da-violencia-fascista/>.

2 RICCI, Ruda. **Se Lula fosse presidente haveria manifestações de rua?** De esquerda em esquerda. 17 fev. 2014. Disponível em: <http://rudaricci.blogspot.com/2014/02/se-lula-fose-presidente-haveria.html>.

ao mesmo tempo em que era simultaneamente leal e corajoso.³ Um reconhecimento franco desse sentimento desconcertante também aparece nessa mesa redonda quando Maud Chirio comenta adequadamente que a trajetória, a personalidade e o poder de sedução de Lula “parecem ter algo de mágico ou, ao menos, de inacessível às ciências sociais”.

Ao longo de mais de quatro décadas, venho enfrentando esses desafios empíricos, políticos e teóricos a fim de produzir a biografia acadêmica aqui comentada por intelectuais talentosos de diferentes gerações, disciplinas e enfoques temáticos e geográficos. Sem abusar do leitor, mantereí meus comentários ao mínimo, enquanto aguardo ansiosamente futuros diálogos pessoais com todos aqueles que se envolveram tão de perto com o meu trabalho. No entanto, seria negligente se não expressasse minha especial gratidão a José Sérgio Leite Lopes, um antropólogo do Nordeste do Brasil, cujo livro de 1988 tem sido referido informalmente, entre aqueles no campo, como o equivalente brasileiro à obra-prima de E. P. Thompson, *A Formação da Classe Operária Inglesa*.⁴ Em seu envolvimento generoso e abrangente, ele estabelece paralelos significativos entre as regiões e entre o rural e o urbano no Brasil, oferecendo não apenas uma interpretação abrangente do que fiz na biografia de Lula, mas também de onde ela se situa em relação à minha própria biografia intelectual.

Os três comentaristas observam um desequilíbrio temporal, destacando que dois terços do livro são dedicados ao período de 1945 a 1980, sendo que metade dessas páginas aborda a vida de Lula até os 23 anos, quando ele entrou no sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo. Como Leite Lopes intuiu corretamente, o objetivo do livro era entender a “gênese da trajetória política de Lula”, vista de baixo e antes de ele se tornar famoso. Portanto, sinto, de fato, que com o fim das greves de 1978-1980, havia concluído minha principal “tarefa de desvendar a matriz social que proporcionou a força posterior de Lula”. Além disso, o livro é, acima de tudo, um estudo do “estilo e prática de liderança singular e duradoura [...] [de Lula que] já estavam cristalizados em 1978 [...] e continuariam inalterados pelas quatro décadas subsequentes”. Como também, o livro oferece uma definição cuidadosamente específica dessa liderança como “uma política de astúcia transformadora, caracterizada por políticas aditivas, executadas por meio da criação de espaços de convergência que transcendam as diferenças, e realizada via um trabalho corporificado feito com as palavras do vernáculo popular”.⁵

Ambos, Murilo Leal e Maud Chirio levantam questões sobre a relação entre Lula, o ABC e outros fenômenos sociais, movimentos e tendências. Mais especificamente sobre a esposa de Lula, Marisa Letícia Casa dos Santos, eu explicaria que o livro, conforme originalmente

3 ROSÁRIO, Miguel do. Caetano e os analfabetos. Óleo do Diabo, 6 nov. 2009. Disponível em: <http://oleododiabo.blogspot.com/2009/11/caetano-e-os-analfabetos.html>.

4 LEITE LOPES, José Sérgio. **A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés**. São Paulo/Brasília: Marco Zero/Editora Universidade de Brasília, 1988. Um de meus estudos favoritos de sua obra é aquele sobre o trabalho rural e nas fábricas presente em **O vapor do diabo: o trabalho dos operários do açúcar**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

5 FRENCH, John D. **Lula e a política da astúcia: de metalúrgico a presidente do Brasil**. São Paulo: Editora Expressão Popular/Fundação Perseu Abramo, 2022. p. 43, 569.

planejado, deveria ter tido um penúltimo capítulo —sacrificado por insistência da minha editora— em uma obra que inicialmente teria dois volumes. Esse capítulo estava destinado a se chamar “Uma filha rebelde e destemida” e teria traçado a trajetória de dona Marisa desde sua infância e adolescência, como parte de uma geração de jovens trabalhadoras modernas, até a vida que Lula e Marisa compartilharam, encerrando com a missa memorial de 2018, celebrada por Lula e seus apoiadores antes de se entregar à prisão.

Estou bastante familiarizado com o contexto mais amplo da classe trabalhadora na Grande São Paulo, especialmente com a rica e extensa literatura e com entrevistas disponíveis sobre os metalúrgicos dos municípios vizinhos São Paulo e Osasco, em particular a Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo (OSMSP), mencionada tanto por Leal quanto por Leite Lopes. Deixando de lado as diferentes características industriais e demográficas, São Bernardo e Diadema se destacam precisamente porque a liderança central, representada por Lula, baseava-se em uma compreensão estratégica diametralmente oposta, que atribuiu ao aparelho sindical o papel central nas lutas da classe trabalhadora. Nunca tendo feito parte das diversas “Esquerdas”, Lula, em São Bernardo, conquistou os militantes sindicais de esquerda inicialmente simpáticos às visões da OSMSP em 1978-79. Embora as oposições sindicais de São Paulo e de outros lugares fossem fundamentais para a construção da CUT e do PT, a abordagem estratégica dominante que prevaleceu foi a visão centrada no sindicato intimamente identificada com Lula e sua diretoria. Contar essa história, incluindo a troca de militantes sindicais ativos em ambas as arenas, não teria esclarecido os acontecimentos em São Bernardo; da mesma forma que as peculiaridades do sindicato dos metalúrgicos em Santo André, com ativismo ligado à Convergência Socialista e liderado por Benedito Marcílio, não figuram no livro.

Percepções sobre a liderança de Lula após 1980

CHIRIO E LEAL identificam questões vitais que necessitam de investigação futura, incluindo, acima de tudo, o papel de Lula na construção do PT e a natureza do projeto político associado a Lula e seu partido, e como eles evoluíram até alcançar a Presidência.⁶ No entanto, Leite Lopes captura um ponto chave sobre as formações de esquerda organizada, principalmente compostas por ex-estudantes e intelectuais radicalizados (o capítulo 7, intitulado “Anos Perigosos”, referindo-se a 1968, trata mais desse assunto). Embora Lula, como líder de massas, nunca tenha correspondido às rígidas expectativas daqueles grupos de esquerda, sua “presença no espectro de forças de esquerda já era muito forte” no momento em que

6 A cientista política Margaret Keck também observou que o livro “trata de Lula como líder e não sobre o partido que ele liderou”, enquanto seu colega acadêmico Timothy J. Power também notou o “avanço rápido” do livro após 1980, antes de aplicar engenhosamente o conceito do estilo de liderança astuto de Lula (*Lula's cunning leadership style*) a vários episódios políticos e eleitorais após 1980. Veja MONTEIRO, Alfred P. Symposium: Lula and His Politics of Cunning: From Metalworker to President of Brazil. *Latin American Politics and Society*, 64 (1): 144-173.

as greves do ABC terminaram e a CUT foi ilegalmente construída sob a ditadura em 1983. Independentemente de suas reservas, que eram muitas, Lula era “a própria encarnação da classe operária ativa sonhada pela esquerda”, e cada vez mais pessoas, movimentos e grupos diversos foram se aproximando e orbitando em torno de sua pessoa. Eu adicionaria também que não estava claro que o PT, no início um verdadeiro “saco de gatos”, emergiria eventualmente como o maior, mais coeso e politicamente mais bem-sucedido partido do Brasil, além de ser um dos poucos partidos de esquerda no mundo a progredir ao longo de quatro décadas desafiadoras.⁷

Quanto ao papel de Lula dentro do próprio PT, são oferecidas percepções fascinantes no livro de memórias autopublicado de Sandra Starling, lançado em 2008. Fundadora do PT e uma de suas principais líderes nacionais femininas, Starling atuou como deputada estadual e federal pelo PT em Minas Gerais e oferece uma descrição envolvente, embora um tanto ácida, do Lula que ela conheceu desde 1979 até sua saída do partido em 2006, e a renúncia ao PT em 2010. Professora universitária e ex-trotskista, ela criticou um Lula “demasiado preocupado em não ser enrolado pelos intelectuais do Partido [...] Temia virar refém de quem quer que seja”, incluindo seus “anjos da guarda” intelectuais em constante mudança, embora “sempre respeitou figuras como José Dirceu: sabia que não podia ficar sem ele, mas parecia ficar sempre armado”, e mais à vontade com aqueles de «origem sindicalista —que perdura até hoje, mesmo agora que é o presidente da República».⁸

Nas reuniões de alto nível do PT, ela reclamava que Lula “raramente opinava, não entrava em bola dividida e usava muito o argumento de autoridade —e não a autoridade do argumento— para acabar com uma boa polêmica”. Ela valorizava a última como uma intelectual orgulhosa de sua reputação como “encrenqueira”, com um “temperamento explosivo”. Quando ele finalmente falava, “a gente muitas vezes ficava sem saber qual era sua posição sobre questões muito importantes. Saía de fininho ou chegava atrasado nas reuniões mais empepinadas”. No entanto, ele era especialista em saber como “levar os outros a ‘tirar a sardinha da brasa’”. Não bate de frente com ninguém. Põe alguém para fazer esse papel ou então finge que não tem nada a ver com isso”.⁹

Por outro lado, “gostava de mandar e ver as coisas resolvidas”, embora tivesse uma “verdadeira ojeriza a monitorar, no dia a dia, detalhes procedimentais, filigranas burocráticas, acertos políticos”, deixando essas tarefas para os outros. No entanto, ela

7 Coloco Lula na história global da política socialista, remontando à Segunda Internacional na Alemanha em FRENCH, John D. Common Men, Exceptional Politicians: What Do We Gain from an Embodied Social Biographical Approach to Leftist Leaders like Germany’s August Bebel and Brazil’s Luis Inácio Lula da Silva? *International Review of Social History*, 68 1 (2023): 111-121. Para uma discussão das semelhanças entre tradições autoritárias na Alemanha e no Brasil, incluindo uma análise de Bolsonaro, consulte “Épilogue: Authoritarianism and the Specter of Democracy.” Ibidem, p. 173-175.

8 STARLING, Sandra. **Uma eterna aprendiz no PT**. Autopublicada em 2008. Disponível em: https://kikacastro.files.wordpress.com/2012/02/aprendiz_pt.pdf. p. 32-34.

9 Ibidem, p. 23, 33-34.

alertou que “se enganam os que pensam que ele não governa, embora seja o presidente. Ele pode não gostar —e não gosta mesmo— de assinar papel, de conferir relatórios, de acompanhar o jogo político parlamentar, mas sabe muito bem para onde quer conduzir o barco”. Além disso, “é indubitável que Lula possui uma intuição do cão e que, às vezes, tem iniciativas que até Deus duvida”.¹⁰

Starling também fala com uma genuína admiração sobre Lula como orador. “Lula é, sem dúvida, um encantador de serpentes, isto é, alguém que sabe a hora e como dizer aquilo que o público quer ouvir ou o que pode surpreender.” Em uma entrevista na prisão, em 2019, Lula ilustrou isso com uma resposta surpreendente quando perguntado por que os ricos se voltaram contra os governos do PT que os beneficiaram:

É que não é só uma questão econômica, é uma questão cultural. É importante lembrar que este país faz pouco mais de 100 anos que acabou com a escravidão na lei, mas a escravidão continua na cabeça das pessoas. É por isso que quem é vitimado pela polícia são os negros, os mais pobres. É por isso que os negros ganham metade dos brancos e é por isso que a mulher negra ganha menos que a mulher branca. É por isso que é o negro que tem menos escolaridade. Por quê? Porque você tem na consciência das pessoas o escravismo ainda preponderante. É uma coisa grave, mas ela é verdadeira. Isso não termina logo. É uma questão cultural, é uma questão política, é uma questão sociológica.¹¹

Esse comentário aparentemente casual oferece uma excelente oportunidade para abordar o desejo de Chirio por mais informações sobre “a evolução das convicções de Lula” e sua relação com outros movimentos sociais. Isso se encaixa bem, também, na observação perspicaz de Leal sobre “a qualidade do conjunto de fotografias apresentado”, que vai muito além, diz ele, de ser “meramente ilustrativo”.¹² De fato, mais da metade das fotos no livro nunca havia sido publicada antes, e duas foram escolhidas para sugerir a cegueira que marca grande parte da discussão sobre os famosos peões do ABC, que tendem, então e posteriormente, a serem representados como brancos e desprovidos de raça, quando na realidade migrantes negros ou de raça mista eram uma presença esmagadora, embora não reconhecida.¹³

Isso também aponta para uma compreensão mais profunda de Lula como uma pessoa com uma sensibilidade afinada para os injustiçados de seu país, em segmentos sociais diversos com culturas e queixas específicas, cada vez mais envolvidos em seus próprios movimentos. Em uma parte frequentemente negligenciada de seu discurso

10 Ibidem, p. 33-34.

11 Glenn Greenwald entrevista Lula: “Bolsonaro é a velha política, eu sou a nova”. **Intercept**, 9, 21 maio 2019. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2019/05/21/greenwald-entrevista-lula-bolsonaro-nova-politica/>.

12 Leal é o único acadêmico entre dezenas de revisores ou comentaristas a chamar a atenção para as fotografias. De fato, meu projeto de pesquisa em andamento, que tem o comprimento de um livro, se concentrará precisamente em milhares de negativos dos comícios de greves, tirados por dezenas e dezenas de fotógrafos em 1979 e 1980, com especial atenção aos ouvintes, não a Lula no palco.

13 French, Lula, 433, 498. Para mais informações sobre a cor de Lula e a sua família, consulte French (2021), 118-19. Para uma discussão da dimensão racial da luta dos metalúrgicos como uma categoria, consulte FRENCH, John D. The Future of Progressive Politics in a Post-Fordist World. **Labor: Studies in Working-Class History**, 18, p. 72-73, 2021. Toward a Social History of Politics: An Exceptional ‘Common’ Man’s Path to the Presidency in Brazil. **American Historical Review**, 126 4 (2021): 1589-91.

notável na convenção nacional do PT, em 1981, Lula falou sobre a questão do racismo e da injustiça racial em termos que só se tornariam comuns na esfera pública brasileira no século XXI.

Há, em nosso país, uma discriminação racial genericamente velada. Um negro, porém, sabe o quanto essa discriminação, que para os brancos pode parecer velada, é real, agressiva, profunda. Ele a sente na pele. Por isso, devemos apoiar a organização dos negros por seus direitos em nossa sociedade, ainda que isso venha a descobrir, à luz do sol, o racismo que carregamos nas entranhas. Desde os escravos, os negros lutam, no Brasil, por sua libertação. Por isso, defendemos o direito de os negros manifestarem sua cultura, sua palavra, seus anseios.¹⁴

Em *Becoming Black Political Subjects* (2016), a cientista política afro-norte-americana Tianna Paschel abordou a questão de como Lula passou a ser cada vez mais “comprometido com uma agenda antirracista” e ela acertadamente credita isso “às suas relações pessoais com camaradas negros dentro do PT”. Quando Lula declarou em um debate presidencial de 2002 que “temos que pagar a dívida do nosso país com as pessoas negras”, ele refletia as décadas que passou trabalhando ao lado dos fundadores negros de seu partido, petistas negros eleitos como Benedita da Silva e Paulo Paim, que defendiam a causa negra, e milhares de ativistas negros alinhados à base do PT. Juntos, enfrentaram “três campanhas presidenciais devastadoras e malsucedidas em 1989, 1994 e 1998” e Lula, no início de seu mandato presidencial, simbolizou isso com a criação de um Ministério da Igualdade Racial, um mandato nacional para ensinar história africana e afro-brasileira, e a nomeação de cinco membros de gabinete negros, e eventualmente o primeiro ministro negro do Supremo Tribunal Federal do Brasil. Substancialmente, os programas de redistribuição econômica de seu governo beneficiariam de forma desproporcional os não brancos, mas a vitória mais decisiva para os diversos movimentos e ativistas negros do Brasil foi o estabelecimento de um sistema obrigatório de cotas de admissão, incluindo os afrodescendentes, em universidades de alta qualidade, tanto nas federais públicas quanto nas privadas.¹⁵

DEIXE-ME TERMINAR como comecei, com algumas observações de contemporâneos bastante diferentes sobre Lula. O ex-ministro da Economia do regime militar, Delfim Netto, deputado da Assembleia Constituinte, assim como Lula, explicou que se dava “bem com o Lula desde 1982”. Chamando-o de “um diamante bruto”, descreveu Lula como possuidor de uma “uma

14 Luiz Inácio da Silva. Discurso de Luiz Inácio Lula da Silva na 1ª Convenção Nacional do Partido dos Trabalhadores, 27 de setembro de 1981, Brasília, DF. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/csbn/wp-content/uploads/sites/3/2017/04/03-discursodelula1convecao.pdf>.

15 PASCHEL, Tianna S. **Becoming Black Political Subjects: Movements and Ethno-Racial Rights in Colombia and Brazil**. Princeton: Princeton University Press, 2016. p. 173-75, 217, 273, 275. Veja VAN DIJK, Teun A. **Antiracist Discourse in Brazil: From Abolition to Affirmative Action**. Lanham: Lexington Books, 2020. p. 123-202. Para uma exposição das intervenções na Câmara dos Deputados sobre racismo, cotas raciais e a luta pela igualdade racial por deputados negros, principalmente da esquerda e especialmente do PT.

intuição, de uma inteligência, de uma sabedoria que não tem nada que ver com educação. Eu brinco com ele”, acrescentou, que todos os seus talentos teriam sido arruinados se ele tivesse se formado na Universidade de São Paulo.¹⁶ Em tempos menos felizes, em 2019, quando Lula estava preso, o *pop star* de 76 anos Gilberto Gil, ministro da Cultura de Lula, embora não fosse membro do PT, foi questionado por um repórter sobre que sentimento Lula despertava nele. O gênio musical negro da Bahia respondeu que “o Lula me inspira compaixão. Sempre foi assim, desde que se tornou porta-voz do homem comum.” Para Gil, Lula é um homem “em busca de uma solidariedade irrecusável, de uma irremediável comunhão com a trágica condição humana, de um entregar-se ao ímpeto de soldado destemido na luta pela quimera da emancipação. Lula é uma pedra bruta, não lapidável”.¹⁷

Recebido em: 22/11/2023

Aprovado em: 25/11/2023

16 CARVALHO, Luíz Maklouf. **1988: Segredos da Constituinte**: os vinte meses que agitaram e mudaram o Brasil. Rio de Janeiro: Record, 2017. p. 233-234.

17 KACHANI, Morris. Gilberto Gil: “Bolsonaro me inspira a oração.” **Estado de São Paulo**, 14 maio 2019.